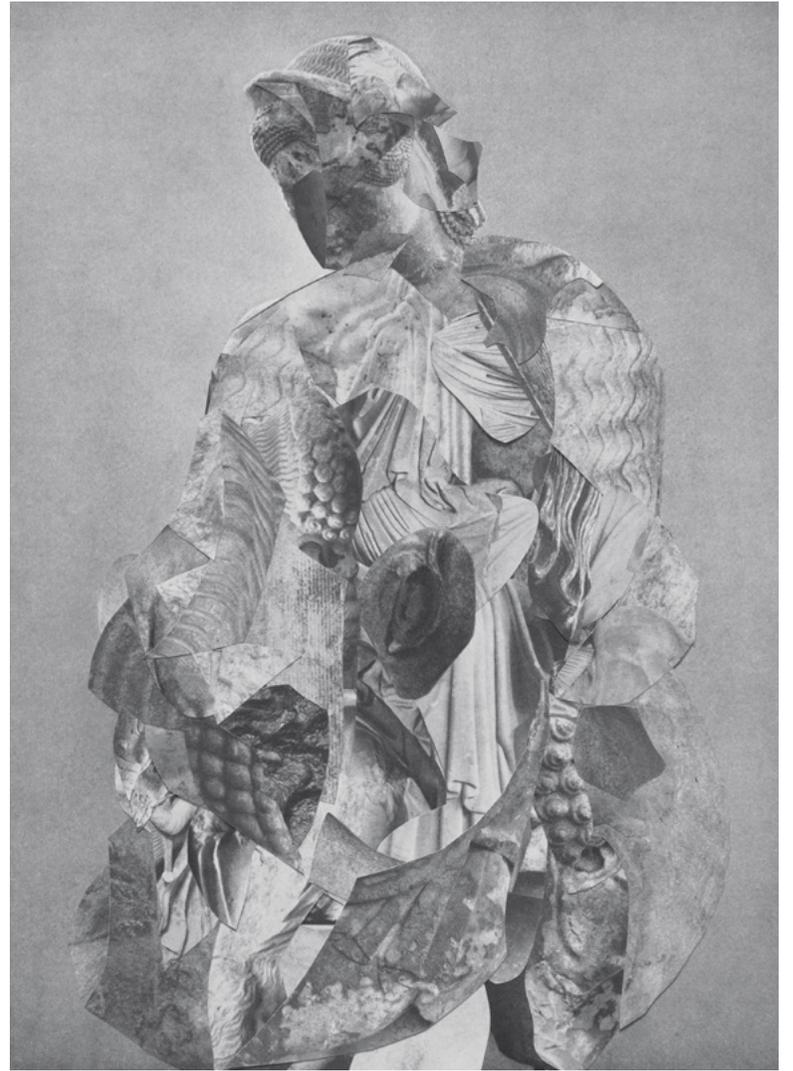


TRADUÇÃO **CHRISTIAN WERNER**

**ILÍADA** HOMERO



13	Introdução	Christian Werner
43	Da tradução	
67	Personagens principais	

75 **ILÍADA**

681	Bibliografia	
699	Sobre o autor	
701	Sobre o tradutor	

1

A cólera canta, deusa, a do Pelida Aquiles,  
nefasta, que aos aqueus impôs milhares de aflições,  
remessou ao Hades muitas almas vigorosas  
de heróis e fez deles mesmos presas de cães  
5 e banquete de aves – completava-se o desígnio de Zeus –,  
sim, desde que, primeiro, brigaram e romperam  
o Atrida, senhor de varões, e o divino Aquiles.  
Qual deus lançou-os na briga e os fez pelejar?  
O filho de Leto e de Zeus: com raiva do rei,  
10 atçou danosa peste no exército, e a tropa perecia  
porque a Crises, o sacerdote, desonrou  
o Atrida. Veio às naus velozes dos aqueus  
recuperar a filha trazendo resgate sem-fim,  
com a grinalda de Apolo lança-de-longe nas mãos,  
15 no alto do cetro dourado, e suplicou a todos os aqueus  
sobretudo aos dois Atridas, ordenadores de tropas:  
“Atridas e demais aqueus de belas grevas,  
a vós concedam os deuses que têm casas olímpias  
assolar a cidade de Príamo e chegar bem em casa.  
20 Libertai minha cara menina e aceitai este resgate,

venerando o filho de Zeus, Apolo lança-de-longe”.  
Todos os outros aqueus acharam por bem  
respeitar o sacerdote e aceitar o belo resgate;  
ao Atrida Agamêmnon, porém, não agradou,  
25 e ele o dispensou rudemente, dando a dura ordem:  
“Ancião, que eu não tope contigo junto às cavas naus:  
não te demores agora nem voltes mais tarde;  
receio que o cetro e a grinalda do deus não te protejam.  
Não libertarei tua filha; a velhice a pegará antes,  
30 longe da pátria, em nossa propriedade em Argos,  
ativa junto ao tear e procurando minha cama.  
Para a salvo voltares, não me provoques”.  
Falou, e o ancião temeu e obedeceu ao discurso;  
quieto, foi ao longo da praia do mar ressoante.  
35 Então afastou-se e, insistente, o ancião rezou  
ao senhor Apolo, ao qual gerou Leto bela-juba:  
“Ouve-me, Arco-Prateado, tu que zelas por Crises  
e pela numinosa Cila e reges Tênedos com poder.  
Esminteu: se te agradei ao cobrir tua morada  
40 ou se uma vez te queimei gordas coxas  
de touros e cabras, realiza-me esta vontade:  
com tuas setas paguem os dânaos pelo meu choro”.  
Falou, rezando, e Febo Apolo o ouviu  
e partiu dos cumes do Olimpo, irado no coração,  
45 com o arco sobre os ombros e a aljava tampada:  
as flechas estridulavam nos ombros do irado  
ao mover-se, e ele chegou semelhante à noite.  
Sentou-se longe das naus e no meio flechou;  
fero estrídulo subiu do arco prateado.  
50 Primeiro foi atrás de mulas e lépidos cães,

e então projéteis acuminados sobre os homens  
lançou; piras repletas de corpos ardiam sem cessar.  
Por nove dias, setas do deus corriam no bivaque,  
e no décimo Aquiles convocou a tropa à ágora.  
55 Isso pusera em seu juízo a deusa, Hera alvos-braços,  
pois se apiedou dos dânaos ao vê-los morrer.  
Então, após estarem reunidos, todos juntos,  
entre eles ergueu-se e falou Aquiles, veloz nos pés:  
“Atrida, agora creio que nós, de novo vagando,  
60 de volta retornaremos (caso escapemos da morte),  
se, juntas, guerra e peste subjugarem os aqueus.  
Pois interroguemos um adivinho ou sacerdote,  
ou um onirócrito (o sonho também vem de Zeus),  
que diria por que Febo Apolo ficou tão irado,  
65 se sua queixa é por prece ou sacrifício,  
a ver se o olor de ovelhas e de cabras perfeitas  
talvez aceite para de nós afastar o flagelo”.  
Após falar assim, sentou-se. Entre eles ergueu-se  
Calcas, filho de Testor, de longe o melhor áugure,  
70 que conhecia o presente, o futuro e o passado,  
e guiou as naus dos aqueus rumo a Ílion  
por meio de sua adivinhação, dom de Febo Apolo.  
Refletindo bem, tomou a palavra e disse:  
“Aquiles caro-a-Zeus, pedes que enuncie  
75 a cólera de Apolo, o senhor lançador-de-longe.  
Portanto falarei; tu, compreende e jura  
deveras me defender, solícito, com palavra e braço.  
Penso que irei enraivecer o varão que, poderoso,  
chefia todos os argivos, e os aqueus a ele obedecem.  
80 Superior é o rei quando se ira contra varão inferior:

se, quanto a sua raiva, no mesmo dia a engolir,  
no futuro, porém, sentirá rancor em seu peito  
até o consumir. Tu, reflète se me salvarás”.  
Respondendo, disse-lhe Aquiles, veloz nos pés:  
85 “Com muita coragem fala o dito divino, o que sabes.  
Por Apolo caro-a-Zeus, Calcas, a quem oras  
quando revelas ditos divinos aos dânaos,  
ninguém, se eu estiver vivo, vigiando sobre a terra,  
descerá mãos pesadas contra ti junto às cavas naus,  
90 aqueu nenhum, nem se mencionares Agamêmnon,  
que agora proclama ser, de longe, o melhor dos aqueus”.  
Então o adivinho impecável encorajou-se e falou:  
“Ele não se queixa de uma prece ou de um sacrifício:  
por causa do sacerdote a quem Agamêmnon desonrou,  
95 e não libertou sua filha nem recebeu o resgate,  
por isso Lança-de-Longe deu e ainda dará aflições.  
Antes não afastará para os aqueus a peste ultrajante,  
não antes de se devolver a jovem de olhar luzente ao pai,  
sem preço, sem resgate, e conduzir-se sacro sacrifício  
100 a Crises; propiciando-o, iríamos persuadi-lo”.  
Falou e sentou-se; entre eles ergueu-se  
o herói Atrida, Agamêmnon de extenso poder,  
atormentado: seu juízo se enegreceu ao se encher  
de muito ímpeto, e seus olhos pareciam fogo cintilante.  
105 Falou a Calcas primeiro, com males nos olhos:  
“Adivinho de males, nunca me falaste algo bom.  
Sempre te é caro, no ânimo, profetizar esses males  
e nunca disseste ou realizaste algum dito ótimo.  
Enuncias também agora, entre os dânaos, profecias:  
110 Lança-de-Longe lhes prepara aflições

porque ao radiante resgate da filha de Crises  
eu não quis aceitar, já que com ardor preferi  
tê-la em casa. De fato, antepoño-a a Clitemnestra,  
a esposa legítima, pois não é pior que ela  
115 em porte e aparência, no juízo e nos trabalhos.  
Ainda assim quero devolvê-la, se isso é melhor;  
prefiro a tropa sã e salva a estar destruída.  
Uma mercê, porém, logo me aprontem: que eu não seja  
o único dos argivos a ficar sem mercê; não convém.  
120 Todos percebem que minha mercê vai a outro lugar”.  
Respondendo-lhe o divino Aquiles defesa-nos-pés:  
“Majestosíssimo Atrida, de todos, o mais ávido de bens:  
como os animosos aqueus te darão uma mercê?  
Até onde sabemos, não há muita coisa coletiva;  
125 o que saqueamos das cidades foi distribuído,  
e não convém que a tropa o recolha e junte de novo.  
Quanto a ti, envia-a ao deus; os aqueus  
te compensarão três, quatro vezes, se acaso Zeus  
conceder que se aniquile a fortificada urbe de Troia”.  
130 Respondendo, disse-lhe o poderoso Agamêmnon:  
“Teomórfico Aquiles, embora sejas valoroso, não  
roubes na ideia: não me irás ultrapassar nem persuadir.  
Acaso queres, para manter tua mercê, que eu assim  
fique sentado carente, pedindo que eu a devolva?  
135 Se os animosos aqueus me derem uma mercê,  
adequada a meu ânimo, aceito a compensação;  
se não me derem, eu mesmo devo tomá-la,  
ou mercê tua ou de Ájax ou de Odisseu  
irei pegar e levar: terá raiva quem eu alcançar.  
140 Depois, porém, consideremos isso de novo;

agora, puxemos negra nau até o divino mar,  
com zelo reunamos remadores, nela a hecatombe  
ponhamos e ela mesma, Criseida bela-face,  
embarquemos; que um varão conselheiro seja o chefe,  
145 ou Ajax, ou Idomeneu, ou o divino Odisseu,  
ou tu, Pelida, o mais assustador de todos os varões,  
e sacrifique a Age-de-Longe e o propicie para nós”.  
Olhando de baixo, disse-lhe Aquiles, veloz nos pés:  
“És juízo-ladino e te cobres de desrespeito!  
150 Como tuas palavras persuadirão um aqueu expedito  
a fazer o percurso ou a combater varões com energia?  
Não vim por causa dos troianos lanceiros  
para cá combater, pois, contra mim, nada fizeram;  
nunca tangeram meu gado nem meus cavalos,  
155 e nunca na fértil Ftia grandes-glebas  
devastaram a colheita, pois entre nós e Troia  
há muito morro umbroso e um oceano ruidoso.  
A ti seguimos, sumo impudente, para te alegrares,  
e tentamos garantir tua honra, cara-de-cão, e a de Menelau,  
160 da parte dos troianos. Isso ignoras e não te preocupas;  
agora ameaças tu mesmo arrancar-me uma mercê,  
pela qual muito padeci, a qual me deram os filhos de aqueus.  
Mercê nunca tenho igual à tua quando os aqueus  
assolam uma cidade dos troianos, boa de morar;  
165 contudo, a maior parte da guerra encapelada  
meus braços realizam, e se ocorre uma partilha,  
tua mercê é muito maior, e levo uma pequena  
e querida na volta às naus, quando lutei até a exaustão.  
Agora irei para Ftia, pois é muito melhor  
170 ir para casa com naus recurvas, e não creio que para ti,

aqui sendo desonrado, gerarei riqueza e abastança”.  
Respondeu-lhe o senhor de varões, Agamêmnon:  
“Se o ânimo te incita, recua que não te persuadirei  
a ficar por mim; também outros me acompanham,  
175 sobretudo o astuto Zeus: recuperarão minha honra.  
És-me o mais odioso dos reis criados por Zeus;  
briga, guerras e combates sempre te são caros.  
Se és bem mais vigoroso, isso foi o que te deu o deus.  
Indo para casa com tuas naus e companheiros,  
180 rege os mirmidões; contigo não me preocupo  
nem considero teu rancor. Esta é minha ameaça:  
já que Febo Apolo tira Criseida de mim,  
a quem eu, com minha nau e companheiros,  
conduzirei, vou buscar Briseida bela-face,  
185 tua mercê, eu mesmo indo à cabana, para bem saberes  
quão superior a ti eu sou, e que outros se apavorem  
de se crer igual a mim e de rivalizar face a face”.  
Falou; o Pelida afligiu-se, e seu coração,  
no peito peludo, meditou dividido:  
ou iria puxar o gládio afiado da coxa,  
dispersá-los e matar o Atrida,  
ou iria cessar a raiva e conter o ânimo.  
Enquanto revolvia isso no juízo e no ânimo  
e tirava a grande espada da bainha, chegou Atena  
195 do céu; a deusa a enviara, Hera alvos-braços,  
que no ânimo gostava igual de ambos e deles cuidava.  
Parou atrás do Pelida e puxou sua loira cabeleira,  
aparecendo só para ele; ninguém mais a viu.  
Aquiles voltou-se, pasmo, e de pronto reconheceu  
200 Palas Atena – seus olhos, terríveis, brilharam –,

**HOMERO** Poeta ao qual se atribuíram os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. É pouco provável que um poeta com esse nome tenha existido, e não é mais possível reconstruir, com um mínimo de precisão, o processo pelo qual, entre os séculos VIII e VI a.C., o texto dos poemas adquiriu a forma na qual hoje são lidos. Uma das razões é que quase nada sabemos acerca do uso da escrita na Grécia no século VIII a.C., nem por que nem quando alguém teve a ideia de *escrever* um poema, já que performances poético-musicais faziam parte do cotidiano grego, ou seja, ainda no século V a.C., esse era o modo principal de recepção de uma composição poética. Por muito tempo, a poesia oral épica era composta no momento mesmo de sua apresentação. Muitos estudiosos modernos creem que um poeta muito bom tenha desenvolvido, com o uso da escrita, um poema monumental – a *Ilíada* –, e que, quando se apresentava diante do público, deixava de improvisar episódios individuais da tradição heroica grega e declamava trechos do poema, que passou a ser conhecido em toda a Grécia.

Se isso for verdade – e disso nunca teremos certeza –, então também é provável que outro poeta teria composto um segundo poema monumental, a *Odisseia*, tentando sobrepujar o autor da *Ilíada*. Fato é que, ainda no século VI a.C., “Homero”, na Grécia, era o nome associado a um gênero poético, o épico, e a ele também eram atribuídos outros poemas. Somente no século V a.C. a *Ilíada* e a *Odisseia* adquiriram, em Atenas, um estatuto canônico tal que todo poema épico posterior passou a ser medido em relação a eles ou a emulá-los. Não à toa várias cidades gregas disputaram, desde cedo, a honra de ter sido a terra natal do bardo. Outra história que se conta sobre ele é que era cego, assim como seu confrade Demódoco, personagem da *Odisseia*. Para tornar vivo o passado heroico, o poeta, se abençoado pelas Musas, não precisaria ter visto nada do que conta. Dizer que Homero era cego é apontar para características da própria tradição épica.

## SOBRE O TRADUTOR

**CHRISTIAN WERNER** Professor livre-docente de língua e literatura grega na Universidade de São Paulo, é autor da monografia *Memórias da guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra, 2018) e de traduções de Eurípides e Hesíodo, além de artigos e capítulos de livro sobre diversos aspectos da literatura grega arcaica e clássica e de sua recepção na modernidade, especialmente em João Guimarães Rosa.

Colagens ODIRES MLÁSZHO

Coordenação editorial MARIA EMILIA BENDER

Diretor editorial SESI-SP RODRIGO DE FARIA E SILVA

Preparação MARIANA DELFINI, MARIA EMILIA BENDER

Revisão CLÁUDIA CANTARIN, MARIA FERNANDA ALVARES, ISABELA SANCHES

Design ELAINE RAMOS, GABRIELA CASTRO

Assistente de design LIVIA TAKEMURA

Reproduções fotográficas EDOUARD FRAIPONT

Tratamento de imagem IPSIS

Produção gráfica LILIA GÓES

© Ubu Editora, 2018

© SESI-SP Editora, 2018

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Ilíada: Homero  
Tradução: Christian Werner  
Colagens: Odiros Mlászho  
São Paulo: Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018  
704 pp.

ISBN UBU EDITORA 978 85 92886 92 9

ISBN SESI-SP EDITORA 978 85 504 1059 3

1. Literatura grega 2. Poesia épica clássica  
I. Werner, Christian.

---

821-1402

CDD-883.1

---

Índices para catálogo sistemático:  
I. Literatura grega: Poesia épica: 883

---

SESI-SP EDITORA

Avenida Paulista, 1.313, 4º andar

01311-923 São Paulo SP

[11] 3146 7308

editora@sesisenaisp.org.br

www.sesispeditora.com.br

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

[11] 3331 2275

ubueditora.com.br